

O ESPECTRO

SEMENARIO POLITICO

Biblioteca Municipal de Lisboa
 Direcção Municipal de Cultura
 Departamento de Acção Cultural
 Divisão da Rede de Bibliotecas
 Câmara Municipal de Lisboa

A eleição da meza da misericórdia de Aveiro ---Grandes traficancias.

E' monumental a série de traficancias praticadas em Aveiro pelos tristes personagens que alli representam o governo. Poucas vezes o desaforo, a infamia e patifaria se têm exhibido d'um modo mais indignamente e torpemente abjecto.

Os miseraveis caceteiros que o sr. José Luciano de Castro tem amparado, talvez porque dedica especial predilecção aos tórpes, tinham perdida a eleição da meza da misericórdia.

De violencia em violencia, de traficancia em traficancia, de abuso em abuso e de torpessa em torpessa, os miseraveis—sempre auxiliados pela mais descarada protecção do governo—levaram a sua audacia ás mais extremas consequencias.

Ameaçaram de morte os seus adversarios e, para mostrarem que eram capazes de não hesitar ante o assassinato, elles que até hoje têm sido ladrões emeritos e caceteiros desvergonhados, reuniram em Aveiro o bando emerito dos assassinos de Ovar.

Foi com o auxilio d'esses heroes que a malandragem que tem o apoio mais decidido e a confiança mais ampla do governo, deu batalha aquelles que se presam de continuadores do pensamento do grande José Estevão, e que não querem ver o cofre da misericórdia nas sacrilegas mãos de ladrões de profissão.

E bem preciso lhes era esse auxilio, visto que por completo os traficantes de Aveiro foram abandonados pela gente honesta e limpa d'aquella cidade. Estavam apenas a seu lado os miseraveis que vendem o voto e os funcionarios não menos miseraveis e desprezíveis que com

receio das vinganças do governador civil, pactuaram com a infamia, com as violencias e com a ladroeira arvorada em systema de administração.

Mandaram pois ir um bando de assassinos provados para a formosa terra de José Estevão. Instruiu-os o chefe do districto, para que elles esfaqueassem ou espancassem aquelles que em Aveiro combatem a nefasta administração do actual governo e especialmente os infamissimos attentados que n'aquella cidade tem sido praticados pelo caloteiro sem um ultimo resto do pudor, que o sr. ministro do reino recrutou entre os homens mais desautorizados do seu partido para alli exercer o primeiro cargo administrativo.

Instruiu-os e excitou-os, e foi com esse estado-maior de faccinorosos, que o sr. Barbosa de Magalhães—um ex-republicano cheio de odios e capaz de tudo—dirigiu a eleição e as manobras indecorosas que a caracterisaram!

Devido a esse facto, poudes a infamissima autoridade roubar ao partido liberal a victoria que lhe cabia e coroar a já larga epopeia dos seus abusos, com mais um crime que só era capaz de praticar quem, como o repugnante delegado do sr. José Luciano, tivesse perdido a ultima parcella de vergonha e de decoro, que mesmo os grandes criminosos só perdem depois de muito endurecidos na pratica do mal.

Tinha o governador civil de Aveiro conseguido á custa de dinheiro dos cofres publicos, a que deitou a mão, comprar muitos votos. Por processos igualmente repugnantes conseguiu que alguns irmãos não votassem, e levou outros a votarem com elle, não obstante reconhecerem quanto seria perigoso para o futuro da misericórdia que aquelle pio estabelecimento cahisse nas mãos dos bandleiros que só pensam em enriquecer e que, para conseguirem esse fim, nunca hesitaram em praticar as mais reles escamoteações e em executar as mais pias fraudes.

Reuniu assim menos dos votos necessarios para vencer, mas reuniu um numero relativamente importante. **A lista do partido liberal, a lista honesta, obtivera mais tres votos e portanto a victoria pertencia de direito e de facto aos inimigos das irmãs da caridade e do governo.**

Já não havia duvida. Estava ganha a formida-

vel batalha, em que **d'um lado tinha combatido um bando de ladrões auxiliado pelo governo**, cujos meios de pressão em taes circumstancias tão evidentemente se patenteiam, e em que do outro estava reunida a gente de Aveiro que não pôde vêr sem tristeza a sua terra vexada pelos abjectos que a governam.

Foi, porém, n'esta altura que, a um signal do galopim odiento o sr. Barbosa de Magalhães, intervieram os consocios do governador civil e os seus assassinos, que nunca deixaram a mesa. Um miseravel empregado da policia deitou na urna um punhado de listas e como os adversarios da malandragem protestassem, os caceteiros empregados nas campanhas da primeira auctoridade do districto, cumpriram então a sua missão. Levantaram os cacetes e abriram a cabeça a alguns dos cavalheiros que á sua perversidade tinham sido indicados por outros traficantes ainda mais perversos e em extremo cobardes! Pucharam das suas facas, ameaçaram todo o mundo, e percorreram as ruas de Aveiro ao vivas ao governador civil que os tinha assalariado para executar aquella boa obra!

Assim conseguiu o predilecto representante do governo em Aveiro evitar a derrota que no nosso ultimo numero lhe prophetisámos, mesmo apesar de ter escandalosamente falsificado o recenseamento dos irmãos da misericordia!

Perguntará em vista d'isto o leitor se estamos na Cafraria, ou se Aveiro é na Sierra Morena?

Não; estamos em Portugal; é aqui, sob o consulado progressista que se dão estas monstruosidades, que não são outra coisa senão o fructo da immoralidade dominante, o resultado da serie ininterrupta de abusos e de escandalos com que o actual governo tem illustrado a sua carreira ovante e dissipadora!

Sem duvida alguma é certo que n'um paiz governado com escrupulosa moralidade, o triste personagem que em nome do sr. José Luciano de Castro commandou a campanha aveirense, nunca occuparia o logar que em Aveiro occupa. Em vez de ter um gabinete luxuoso no governo civil, teria apenas uma cella na penitenciaria.

Mas tambem em paiz nenhum se consentiria no poder uma sucia de bandoleiros como essa que ahi está a desmoralisar tudo e que, porque os seus intuitos são monstruosamente immundos, recruta os seus representantes de confiança entre a baixa escoria da sociedade.

Ficou pois nulla a eleição da mesa da misericordia e ficaram partidas varias cabeças. Derra-

mou-se sangue e isso com certeza satisfiz a ferocidade dos caceteiros que apoiam a politica progressista.

Comtudo, a victoria do partido liberal foi tão completa e eloquente que o governo e seus agentes ficaram esmagados. Nem á custa das violencias que empregaram, nem fazendo a eleição por um caderno adrede viciado, nem gastando rios de dinheiro, nem affastando da urna muitos irmãos por meio da ameaça, de modo nenhum conseguiram triumphar.

O cheque soffrido n'esta questão pelo governo e pelos seus agentes, não podia ser mais fulminante. A destruição dos papeis relativos á eleição, não attenuou em nada a significação da derrota de que o sr. José Luciano havia imprudentemente zombado, não attendendo as justissimas reclamações do povo de Aveiro, que com insistencia pedia a demissão do caloteiro de officio que preside ao districto, e cuja permanencia no cargo que exerce, todos reputam affrontosa para aquella cidade e que no momento da eleição era em especial perigosa como acaba de vêr-se.

Tinha o sr. José Luciano a peito sustentar em Aveiro as irmãs de caridade. Satisfazia assim os seus appetites reaccionarios; protegia por essa fórma a causa do jesuitismo, como é do seu empenho.

Pois, apesar d'aquelles appetites e d'este empenho, tão eloquente foi o cheque dado ao governo pelos partidos liberaes de Aveiro, que as irmãs de caridade acabam de sahir d'ali escoltadas por um esquadrão de cavallaria!

E peor seria para o governo se não reconhecesse a gravidade do cheque que soffreu. Se depois de tudo o que se tem passado, persistisse em manter em Aveiro as irmãs de caridade, é de crer que dentro em pouco tivéssemos de registar funebres acontecimentos.

Mas estará removido o perigo de que esses acontecimentos se dêem de um momento para o outro?

Seria absurdo suppô-lo.

Emquanto o actual governo estiver no poder, estão em perigo todas as liberdades e correm grave risco todos os interesses legitimos. Só está garantida a sorte dos bandoleiros que assaltaram os cofres publicos e constituíram syndicatos poderosos, ou se valem das suas habilidades para enriquecerem.

É por isso de crer que dentro em pouco de novo surjam novos e graves conflictos em Aveiro, pois que o sr. ministro do reino não quer em caso nenhum demittir o chefe dos caceteiros.

Tripudie pois a malandragem.

A prisão do commendador Agua-Izé — Uma torpeza.

N'este hediondo tropel de ambições que está caracterizando a administração portugueza, surgem por todos os lados os escandalos com uma fertilidade verdadeiramente estonteadora!

Está sendo epidemica a febre de infamia que accommetteu os administradores da fazenda publica. Quasi chega a gente a cançar-se de atagantar a villanagem que, por não ter já que fazer na Falperra, assaltou e conquistou os mais elevados cargos governativos!

Na metropole é raro o dia em que a imprensa não tem de registar um acto de immoralidade, um verdadeiro crime praticado por um funcionario da nação.

Pelo que toca á administração ultramarina não é a situação menos grave.

Sem duvida porque os bons exemplos do governo teem produzido os seus naturaes resultados; alguns empregados da nossa administração colonial vendem a sua influencia e a sua auctoridade a quem melhor lh'a paga.

Esse é o motivo porque á ordem do Banco Ultramarino, estão sendo praticadas em S. Thomé as mais extraordinarias violencias e os crimes os menos decorosos.

Foi ali abusivamente preso e tem sido accusado de crimes infamantes o commendador de Agua-Izé, simplesmente porque ao Banco Ultramarino conveio que essa prisão se effectuasse, para se apoderar d'uma propriedade que tem tomado prospero desenvolvimento.

E como ao Banco Ultramarino convinha apoderar-se d'essa propriedade, forjaram-se calumnias infames, inventaram-se accusações monstruosamente ignobeis e de violencia em violencia as auctoridades de S. Thomé fizeram em tudo e sempre a vontade ao agente do Banco.

Ora isto é simplesmente infame.

É com estas traficancias que se desacredita o nosso dominio colonial.

Mas o governo não quer saber d'isso.

Vae mettendo dinheiro na bolsa e ri-se da lamentavel indiferença do paiz que se não dispõe a correr essa corja miseravel.

Um attentado contra a imprensa

Estão acaso suspensas as garantias na cidade de Aveiro?

Se não estão, nós queremos saber com que direito é que o antigo redactor do *Boletim da Torreira*, o sr. José Luciano de Castro, permite que a imprensa ali esteja sendo infamemente roubada pelas auctoridades administrativas, que não permitem a venda dos jornaes que narram ao paiz as infamissimas patifarias praticadas pelo bando de gatunos e assassinos que ali seguem a politica do governo.

Foi ordenada a prisão de um vendedor de jornaes em Aveiro, porque espalhava folhas nas quaes os acontecimentos ultimamente alli occorridos são commentados de modo desfavoravel para o funcionario que assalariou um bando de assassinos a fim de acolytarem o sr. Barbosa de Magalhães na execução do tenebroso plano de batota de que foi incumbido.

Ora isto é simplesmente infame.

A imprensa cumpre a sua nobre e elevada missão como entende. Nenhuma auctoridade administrativa tem direito de a vexar ou de oppôr embaraços á circulação de jornaes.

Este é pelo menos o direito escripto!

Como é, pois, que os traficantes aveirenses — referimo-nos ás auctoridades — se arrogam a ousada attribuição de prohibirem a venda de alguns jornaes?

Desgosta-os vêr que a imprensa amarra n'um pelourinho de justificada infamia os vis que prepararam as batotas e violencias da eleição da misericórdia?

Irrita-os vêr que alguns jornaes põem nua a chronica escandalosa e immoralissima do funcionario de confiança do sr. José Luciano?

Não queriam que desvendassem as ESCROQUERIES da misera auctoridade que tem caloteado toda a gente e que por dinheiro é capaz de praticar as maiores infamias?

Revoltam-se porque apontamos os factos de latrocínio praticados pelos amigos queridos do sr. presidente do conselho?

Enfurecem-se porque se publica a biographia exacta do sr. governador civil de Aveiro, que toda a sua vida tem tido a mesma reputação que tem hoje?

Mas illustres discipulos do chefe dos caceteiros de Aveiro, então para que julgaes que foi feita a imprensa?

Queríeis que ella mentisse; que proclamasse benemerito o miseravel que rouba quem cae na asneira de lhe emprestar os seus haveres? Queríeis que dissessemos que é honrado o ascoroso funcionario que mette a mão nos cofres publicos?

Julgaes que a imprensa se fez para vos elogiar, isto é, **para justificar os roubos e infamias com que illustraes a vossa folha de serviços prestados ao partido progressista!**

Se assim pensaes, enganai-vos redondamente.

A imprensa é uma instituição muito mais nobre e digna do que vós julgaes. Se quereis assim o seu decoro pela baixa chatissima e indecoro-

sissima do pasquim immundo que vos defende—o *Campeão das Provincias*—illudis-vos idiotamente.

É illude-se tambem o sr. José Luciano se permite taes attentados como os que contra os interesses da imprensa estão sendo praticados em Aveiro, por pensar do mesmo modo que os seus queridos amigos aos quaes nenhum homem honesto pode sem nojo estender a mão.

Illudem-se e dão provas de singular inopia.

Deve esta corja de tolos saber, que quanto mais mal quizer fazer aos jornaes que os accusam mais relevo e popularidade dão ao libello accusatorio.

Além de vis são pois ainda a quinta essencia da parvoice.

Registemos mais este predicado da miseranda canalha...

Defesa de um governador civil.

O *Correio da Noite*, que é orgão do sr. ministro do reino e chefe do governo, defendeu ha dias nos seguintes termos o governador civil de Portalegre :

«Do actual governador civil de Portalegre não pôde, com verdade, dizer-se que fôsse visto em parte alguma em estado de embriaguez.

O governador civil de Portalegre nunca jogou o *bacarat* n'um botequim ou em outro qualquer ponto publico: nunca apanhou em jogo d'azar, ou por qualquer outro meio, o dinheiro dos seus subordinados.

O governador civil d'este districto nunca furtou o dinheiro que lhe confiam para despesas de policia preventiva.

O governador civil de Portalegre nunca praticou o crime de incesto.

O governador civil d'este districto conhece a biographia de um patife, que estrangulou á nascença um filho d'elle e d'uma sua irmã, enterrando-o em seguida n'uma adega do *palacio maldito*.

Ao governador civil de Portalegre nunca se attribuiu o facto de prostituir as pessoas de sua familia, para lhes comer os rendimentos de suas legitimas.

O governador civil de Portalegre nunca escreveu cartas, como aquella que andou ahi nas mãos de muita gente, e onde um cynico dos maiores que têm transposto os muros d'esta cidade, reconhece a sua ignominia, a baixeza dos seus sentimentos.»

Imagine-se por isto, que se lê no orgão do sr. José Luciano de Castro, o que são os delegados d'este charceller de lama.

Já até as proprias folhas officiosas precisam de discutir se os governadores civis são ou não jogadores ou ladrões; se praticaram crimes de incesto ou se estrangularam os filhos á nascença: se prostituiram pessoas de familia ou se praticaram outras varias infamias!

Tão baixo desceu a reputação d'esses funcionarios!

Lê-se isto e quasi se não acredita!

E' o proprio jornal do sr. ministro do reino que se propõe a provar que o governador civil de Portalegre é honesto!

Limita-se, porém, a affirmar vagamente o que acima transcrevemos.

Poderá provar o que diz?

Venham as provas.

Só assim o paiz poderá vencer-se de que o sr. José Luciano não foi recrutar os seus delegados entre os criminosos que na costa d'Africa estão cumprindo a pena de degredo.

A COMPANHIA DE JESUS

CAPITULO XII

Quem se deve manter e conservar na companhia

5. Tambem os superiores devem ter uma particular consideração por aquelles que alcançaram conduzir á companhia alguns rapazes bem escolhidos, pois que elles assim bastantemente comprovaram affeição para com ella; mas emquanto não professarem, deve-se tomar todo o cuidado, tendo a mais illimitada indulgencia para com elles, reccendo que talvez levem consigo para fóra aquelles que conduziram á companhia.

CAPITULO XIII

Da eleição que se deve fazer dos rapazes para os admittir na companhia e do modo de os conservar

1. Deve-se observar a maior prudencia na escolha de rapazes de bom character, bem feitos, nobres, ou ao menos que se avantagem em alguma d'estas qualidades.

(Continua.)